

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

Natália Teodoro

**Formação docente: o desenvolvimento das linguagens dos bebês no curso de
pedagogia da UFSC**

Florianópolis

2022

Natália Teodoro

**Formação docente: o desenvolvimento das linguagens dos bebês no curso de
pedagogia da UFSC**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia
Orientador: Prof. Dra. Kátia Adair Agostinho.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

TEODORO, NATALIA

Formação docente: o desenvolvimento das linguagens dos bebês no curso de pedagogia da UFSC / NATALIA TEODORO ; orientadora, Kátia Adair Agostinho, 2022.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Educação infantil. 3. Formação docente. 4. Bebês. 5. Linguagens. I. Adair Agostinho, Kátia . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Natália Teodoro

Formação docente: o desenvolvimento das linguagens dos bebês no curso de pedagogia da UFSC

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “licenciado em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia

Local, 20 de julho de 2022.

Profª Dra. Patrícia de Moraes Lima
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Orientadora: Profª Dra. Kátia Adair Agostinho
CED/UFSC

Avaliador(a): Profª Me. Rúbia Vanessa Vicente Demétrio
NDI/UFSC

Avaliador(a): Profª Me. Cristiane Januário
SME/Florianópolis

Membro Suplente: Profª Dra. Patrícia de Moraes Lima
CED/UFSC

Dedico aos pedagogos em formação
que se preocupam em ter uma boa
prática pedagógica com os recém-
chegados ao mundo.

AGRADECIMENTOS

[O Amor] É a coisa mais maravilhosa e fantástica do mundo. Amor é esperança, preenche nossos sonhos. Se você ama, você precisa desfrutá-lo, porque o amor não dura para sempre. [...] Você precisa estar com quem você ama. [...] Agora vá encontrar seu amor. Encontre sua esperança. Encontre seus sonhos.¹

E para o encontro desse amor e sonhos me apoiei primeiramente em Deus, foi Nele que encontrei força e determinação para seguir firme meus estudos.

Agradeço imensamente ao meu companheiro de vida, que a cada batalha está ao meu lado, me dando apoio, me acolhendo e encorajando.

Aos meus pais e minha irmã que apesar de algumas dificuldades e distância, sempre me acompanharam nessa jornada e me apoiaram. Amo muito vocês!!

A Adele e o Jorge que me encorajaram no direcionamento da minha graduação, me deram apoio sempre e se preocupando com o desenvolvimento dos estudos.

A Aline e o Paulo que sempre me acolheram muito bem na família deles e que estão dispostos a me ajudar/orientar, quando necessário, minha eterna gratidão.

Pela direção e coordenação da instituição que trabalho, por cada conselho, orientação, conversa, direcionamento.

Agradeço a Josiane (Jane) pela paciência e parceria nos meus quatro anos de graduação, sempre disposta a me ajudar e me orientar a como fazer a ligação da teoria com a prática.

As minhas amigas por cada riso, piada, gracinha na hora de tensão para me ajudar a descontrair e conseguir ter leveza.

Eterna gratidão a minha orientadora que aceitou o desafio com muita paciência, gentileza e sabedoria, sempre teve as palavras certas para me guiar e me animar para cada semana de escrita. Uma professora que marcou minha vida, sempre a levarei comigo.

Bom, agradeço a cada um/uma que seguiu, mesmo que por um curto tempo, essa jornada comigo com conselho, abraço, escuta.

¹ DEBUS, Eliane; MICHELLI Regina (Orgs.). Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens. Rio de Janeiro, Dialogarts, 2015, p. 134

[...]a construção de uma Pedagogia da Educação Infantil que privilegie as infâncias e não a alunância; que privilegie a diversidade e não a homogeneidade; que privilegie a espontaneidade ao invés do espontaneísmo; que estabeleça uma relação de complementaridade com as famílias e não de favor e caridade; que reconheça a criança como sujeito social de direitos e não mais como objeto de tutela; que a educação das crianças seja sinônima de emancipação e não de subalternidade [...] (BATISTA, 2008, p.43)²

² BATISTA, Rosa. Cotidiano da Educação Infantil: espaço acolhedor de emancipação das crianças. **Zero-a-seis**, v. 10, n. 18, p. 53-67, 2008.

RESUMO

Com um olhar para a formação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, esse trabalho tem como objetivo geral compreender como se organiza a formação dos/as professores/as para a educação infantil no curso de pedagogia da Universidade com foco sobre o desenvolvimento das linguagens dos bebês. A metodologia utilizada é um estudo bibliográfico das referências bibliográficas disponibilizadas ao longo do curso e, em sites como o da biblioteca da Universidade, Google Acadêmico e Scielo e a análise do Projeto Político Pedagógico do curso de pedagogia da UFSC de 2008. Trata-se de uma pesquisa que busca conhecer o que os estudos e o PPP - Projeto Político Pedagógico do curso trazem sobre o assunto, com a perspectiva alinhada aos estudos da infância e da psicologia histórico-cultural para aprofundar nossos saberes sobre quem são os bebês e quais são suas linguagens. Ao analisar a matriz curricular do curso, as ementas de suas disciplinas vimos que apenas uma disciplina traz em sua ementa a referência direta sobre os bebês, seguindo a análise percebemos que outras quatro disciplinas trazem estudos que agregam conhecimentos sobre a creche e então consequentemente os bebês, embora possamos tencionar a real presença da nossa discussão nas referidas disciplinas.

Palavras-chave: Educação Infantil, formação docente, bebês, linguagens.

ABSTRACT

With a look on the pedagogical formation of the Federal University of Santa Catarina this work has as the general objective comprehend how it is arranging the teacher's formation for children education by the pedagogy course from the Federal University of Santa Catarina focused on the development of the babies' languages. The methodology used is a bibliographic study of the bibliographical references available over the course and, on websites such as the University library, Google Scholar and Scielo and the analysis of the Political-Pedagogic Project of UFSC's pedagogy course from 2008. Research that pursuit learns what the studies and the PPP of the course introduce about the subject, with the aligned perspective to the childhood studies and the historic-cultural psychology to further develop our knowledge about who are the babies, and which are their languages. When analyzing the course curriculum, only one subject pursuit on the syllabus a direct reference about the babies, carry on the analysis we realized that other four subjects' pursuit studies that aggregate knowledge about the day care and consequently the babies, although we could tension the real presence of our discussion on the referred subjects.

Keywords: children education, teacher training, babies, languages.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

DCNs Diretrizes Curriculares Nacionais

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

Fundeb Fundo de manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC Ministério da Educação

NADE Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos

PPP Projeto Político Pedagógico

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EDUCAÇÃO INFANTIL E O LUGAR DOS BEBÊS	16
2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: breve contextualização	16
2.2 O BEBÊ, A CRECHE E SUAS LINGUAGENS	23
2.2.1 O bebê e suas especificidades	24
2.2.2 As linguagens dos bebês e a ação docente	29
3 O QUE AS EMENTAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC TRAZEM SOBRE O ASSUNTO – EM PAUTA A FORMAÇÃO DA/DO PEDAGOGA/PEDAGOGO	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre e como as crianças têm se desenvolvido muito nos últimos anos no Brasil. Temos a percepção que existem muitas produções científicas com influência de outras áreas com foco na infância e nas lutas em torno dos direitos das crianças e jovens e o seu impacto nas políticas sociais. (KRAMER, 2009)

Um exemplo disso é a Filosofia, a Medicina e a Psicologia, que foram as primeiras áreas no estudo de crianças. Onde elas foram sendo aceitas como sujeito, indivíduos em construção. A Sociologia e a Antropologia, mais recentemente, com seus estudos, começa a entender que as crianças são atores sociais e a linguística assume que são sujeitos da fala. E foi assim que a infância foi ganhando seu espaço no campo de pesquisa. (KRAMER, 2009)

Bom, reconhecendo os bebês como sujeitos de inteireza, que apesar de pouca idade tem seus interesses e pontos de vista, interagem, comunicam-se e atuam no e sobre o mundo (COUTINHO, 2017), pretende-se responder, no decorrer deste trabalho de conclusão de curso, como se organiza a formação dos/as professores/as para a educação infantil no curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina com foco sobre o desenvolvimento das linguagens dos bebês.

O interesse para realização desta pesquisa surgiu quando ingressei no curso de pedagogia por transferência interna do curso de licenciatura em matemática. Até então havia trabalhado apenas com adolescentes. No meu terceiro semestre consegui uma vaga de auxiliar de sala numa instituição infantil, foi quando mudou meu olhar para os bebês. Dos adolescentes fui para o berçário, dos grandes para os recém-chegados ao mundo.

Foi bem desafiador no início, mas também foi naqueles primeiros meses que senti a necessidade de entender melhor o desenvolvimento dos bebês, pois sem aquisição da fala se comunicam por muitas outras linguagens expressivas e comunicativas, através das quais utiliza-se como formas de demonstrar suas inquietações, necessidades e ponto de vista.

No ano da pandemia, em 2020, trabalhei como babá e, em uma conversa com a mãe das crianças percebi que quase não entendia sobre os desafios que os bebês vivem e superam para o desenvolvimento da linguagem oral. Até aqui ainda não tinha estudado uma disciplina

voltada para as linguagens dos bebês na universidade, e os estudos feitos sobre a infância não incluíram os bebês.

Logo, me questionei. Como poderia ajudar na ampliação de repertório dos bebês sob minha responsabilidade se quase não tive contato com o conteúdo!? Então, desde aquele momento surgiram diversas inquietações sobre como melhorar meu fazer pedagógico com os bebês e as crianças bem pequenas. Portanto, surgiu a ideia de estudar o que as universidades abordam sobre o tema e não apenas sobre o falar, mas as variadas formas de linguagens que os bebês utilizam diariamente para se comunicar e se expressar. E quando cursei a disciplina Organização dos Processos Educativos na Educação Infantil II, tive a certeza que meu trabalho de conclusão de curso seria sobre as múltiplas linguagens e como isso é abordado dentro da Universidade Federal de Santa Catarina no curso de pedagogia em sua grade curricular.

E para dar início vamos começar entendendo como bebês e as crianças pequenas de até 3 anos de idade, tomando por base o modo que a legislação brasileira define como creche. Uma idade que o senso comum os vê como um ser frágil e totalmente dependente, com uma visão de incompetência, incapacidade de andar, falar ou ter alguma autonomia. Porém, com um olhar na psicologia histórico-cultural, podemos considerar os pequenos como sujeitos de ação e relação, suas “fragilidades” abrem possibilidades de encontro, contato e parceria com o outro. (BRASIL, 2016)

Esse bebê, quando vem ao mundo, se insere num universo novo, “com uma semântica a ser interpretada, com todos os sentidos por construir” (BRASIL, 2016, p.17). Porém, a leitura de mundo se inicia desde a barriga da mãe com referência na sua voz, que é o primeiro signo de contato com a cultura. Logo, mesmo antes de nascer já são sujeitos da linguagem e com um pertencimento cultural, pois tem um nome, transformam vidas, afetam a realidade em volta deles e são afetados pela vida emocional e social da família. (BRASIL, 2016)

Apesar de ter esse contato na gravidez, quando nascem tem uma aprendizagem bem desafiante, “compreender os signos trocados pelos seres humanos ao seu redor e apropriar-se deles para se fazer compreender pelos outros. ” (BRASIL, 2016, p. 16). E para conseguirem estabelecer um diálogo rico cada um faz do seu jeito, com um corpo expressivo, nos sorrisos, choros, expressões faciais e movimentos interativos. (BRASIL, 2016).

Agora que definimos quem é o bebê, vamos fazer uma breve contextualização sobre a educação infantil e seus profissionais.

As conquistas obtidas por meio da Constituição de 1988 com a defesa dos direitos das crianças à educação e a LDB, o trabalho com os bebês ainda apresenta muitos desafios, intensificados no exercício da oferta e docência na Educação Infantil. (DELGADO, BARBOSA, RICHTER, 2019)

Defendemos que a função do/a professor (a) da instituição infantil tem um caráter amplo no sentido educacional pedagógico, ou seja, o trabalho tem uma intencionalidade acompanhada e sistematizada com embasamento teórico, com um posicionamento político que assegura o seu fazer pedagógico. (SCHMITT, 2019)

Se olharmos para o currículo do curso de Pedagogia da UFSC percebemos o foco na formação de professores para a escola pública. Segundo o PPP o/a professor/ra é um sujeito histórico que tem a capacidade de passar cultura de forma geral e sistematizada, como também a produzir. Suas atitudes podem ser entendidas como uma atividade teórico-prática e visto como socializador e produtor de conhecimentos. Prevê assim a formação de professores como sujeitos críticos, comprometidos com a escola pública, democrática e de qualidade.

Portanto,

O curso de Pedagogia da UFSC toma como prioridade a sua inserção junto às redes públicas de ensino e às unidades escolares, entendendo esse contexto como foco da formação. Reafirma que a base da formação do Pedagogo é a docência tendo como linhas condutoras: Educação e Infância, Organização dos Processos Educativos e Pesquisa. Como desdobramentos desses princípios indicamos: a) que a formação docente para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental tenha por base a Linguagem, a Arte e os demais campos do conhecimento, a organização dos processos educativos, envolvendo os sujeitos e os fundamentos da educação; 17 b) que no campo da coordenação pedagógica estejam presentes os conteúdos relativos ao sistema de ensino, à Didática e ao currículo, à organização dos processos educativos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e à organização dos processos coletivos do trabalho escolar, ou seja, à coordenação pedagógica e c) que no campo da produção de conhecimento haja articulação entre as disciplinas voltadas à pesquisa bem como ao Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, às atividades vinculadas ao NADE (Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos) e ao TCC (Trabalho de conclusão de curso). (PPP/UFSC, 2008, p. 16/17)

Com o objetivo geral de compreender como se organiza a formação dos/as professores/as para a educação infantil no curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina com foco no desenvolvimento das linguagens dos bebês, o estudo tem como objetivos específicos: _ identificar a presença ou ausência nas ementas das disciplinas da matriz curricular do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina do estudo sobre os bebês e suas linguagens; _ refletir sobre as temáticas sobre o desenvolvimento das linguagens nos bebês na formação inicial do professor da educação infantil.

Seguimos para a elaboração deste TCC a metodologia de estudo bibliográfico das referências estudadas ao longo do curso e, em sites como o da biblioteca da Universidade, Google Acadêmico e Scielo para compreender quem são os bebês e quais são suas linguagens. Uma pesquisa qualitativa para entender o que os estudos trazem sobre o assunto, com a perspectiva alinhada aos estudos da infância e da psicologia histórico-cultural.

Por fim, faremos uma análise documental do currículo do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina de 2008³. A coleta desse documento foi por meio do site da Universidade, para poder fazer a problematização do que estudamos sobre as especificidades dos bebês dentro do currículo do curso.

Quando comecei a escrever o meu trabalho de conclusão de curso a princípio era uma análise documental das matrizes curriculares dos cursos de Pedagogia das instituições públicas, gratuitas na modalidade presencial do estado de Santa Catarina, sendo elas: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Instituto Federal Catarinense (IFC), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e a Faculdade Municipal da Palhoça (FMP), porém com o decorrer do tempo não foi possível fazer o levantamento de tantos dados pelo limite temporal para este estudo.

Então, analisamos o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, disponível na página virtual do curso, para analisar o que a matriz curricular traz sobre as linguagens dos bebês. Para isso foi utilizado como critério de busca aos

³Apesar do curso estar passando por reformulação nas ementas esse trabalho será focado no PPP que ainda está em vigor e no qual estou me formando.

descritores: bebês ou crianças pequenas – 0 a 3 anos, educação infantil e linguagens (pode aparecer como comunicação ou expressão) nos títulos e ementas de todas as disciplinas da grade curricular do curso.

Com esses procedimentos metodológicos realizamos a busca em toda a grade curricular do curso e com ela tecemos nossas análises com a intenção de responder a nossa motivação de estudo – Como se organiza a formação dos/as professores/as para a educação infantil no curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina com foco sobre o desenvolvimento das linguagens dos bebês?

O trabalho foi organizado da seguinte forma: iniciamos com a introdução do estudo em que localizamos os motivos desta pesquisa e sua justificativa, com os objetivos e os caminhos metodológicos, após na seção 2 – *Educação Infantil e o lugar dos bebês* - trataremos brevemente sobre a constituição do direito dos bebês e crianças à educação infantil, logo após, vamos compreender a inserção do bebê nos contextos sociais; quais são as especificidades do bebê e como funciona o olhar das instituições de Educação Infantil perante o bebê. Na seção 3 – *O que as ementas do curso de pedagogia da UFSC trazem sobre o assunto* – em pauta a formação da/do pedagoga/pedagogo, analisamos a grade curricular do curso de Pedagogia da UFSC. Finalizamos com as considerações finais do estudo seguidas das referências bibliográficas.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL E O LUGAR DOS BEBÊS

Para entender a importância do estudo com bebês e o lugar que ocupam na educação infantil é necessário compreender como as instituições, creches e pré-escolas, iniciaram, e sobre os movimentos sociais pela garantia de uma educação pública de qualidade assegurando recursos necessários para sua efetivação.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

As creches voltadas para os bebês de 0 a 3 anos vão ganhando força na década de 1870, pelos países europeus e mundo. Chega ao Brasil no período da República com as primeiras instituições voltadas às mulheres de classe social mais baixa para poderem sair a trabalho e conseguir ajudar financeiramente dentro de casa se libertando do trabalho doméstico. (KUHLMANN, 2000)

Por volta de 1933 a criança não é mais vista apenas no âmbito da saúde, mas também pelo seu crescimento, desenvolvimento e formação dos seus hábitos. Aparecem os primeiros indícios da pedagogia que temos hoje, com base nas brincadeiras, no lúdico. (KUHLMANN, 2000)

Segundo Barbosa, Flores e Silva (2018) em 1979, aqui no Brasil, se iniciou o movimento social pelas creches no primeiro Congresso da Mulher Paulista. Na primeira reunião foram 46 entidades e a bandeira da creche foi uma das principais reivindicações. Suas lutas eram por creches financiadas pelo governo e que os familiares pudessem participar da sua organização, que houvesse formas de a comunidade intervir.

Algumas questões eram que as dificuldades das crianças da classe trabalhadora deveriam ser remediadas por uma educação voltada à alfabetização. Era uma educação compensatória. Os adultos que cuidavam dessas crianças eram considerados “tias/tios”, e não professor (a), pois sua função era parecida com o doméstico e o privado. (FONSECA, COLARES, COSTA, 2019)

Se olharmos para a profissão hoje em dia percebemos que encontramos muito mais mulheres do que homens. Antigamente a profissão era somente exercida por mulheres, vistas como “dona de casa”, dedicada a uma vida mais privada, e que foram incentivadas a exercícios de vida pública com a justificativa que eram mais aptas a cuidar das crianças do que os homens. E para explicar essa controversa, era atribuído à “natureza” dos gêneros, a mulher era considerada submissa, dócil, sensível entre outros, e o homem visto como lógico, organizador, forte, agressivo, etc. (BRASIL, 2016)

Se inicia avanços científicos e legais sobre a mulher e a criança, e temos a promulgação da Constituição de 1988 que no artigo 208 inciso IV diz que “o dever do Estado com a educação é efetivado com a garantia do atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). Aqui, conquistamos por meio de lutas os direitos legais à garantia da educação pública e de qualidade para a Educação Infantil. (KUHLMANN, 2000).

Com essas conquistas se inicia uma mudança na forma que a sociedade percebe a criança e a mulher. A criança é reconhecida como um sujeito de direitos, protagonista histórico e um cidadão em desenvolvimento e, a figura da mulher passa a ser vista como uma pessoa de direitos. Os/as educadores/as que cuidavam dos bebês e das crianças começam a ser vistos como um interlocutor que apontam caminhos, estruturam ambientes e materiais e trocam conhecimento com as crianças. Porém, parte dessa mudança ainda é somente formal, nos dias de hoje ainda temos crianças que são tratadas como se não tivessem direitos e ser pedagoga (o) ainda remete a uma profissão destinada a mulheres. (KUHLMANN, 2000).

Agora, com um olhar destinado às instituições infantis no estado de Santa Catarina, as creches começam por iniciativa das damas da sociedade vinculadas a Legião Brasileira de Assistência e Círculo Operário Católico. Com diversas formas de atendimento no campo da assistência, educação a infância e a maternidade. Eram desenvolvidos os trabalhos no caráter filantrópico, com orientações de médicos-higienistas enviados pelo Departamento Nacional da Criança, um órgão criado pela lei 2024, de 17 de fevereiro de 1940. Esse decreto traz as formas de organização da proteção a maternidade, a infância e a adolescência em todo o país, e em relação com a educação da pequena infância cria medidas políticas, sociais e assistenciais. (BATISTA, ROCHA, 2018)

O discurso de mãe educadora acolhedora, bondosa, paciente, espírito cristão é destinada as mães de classes sociais com maior poder aquisitivo, e é esse modelo de mãe que assume a educação das crianças das famílias operárias, que se viam deixando essa função, de mãe perfeita, para outras mulheres. As crianças tinham uma educação voltada mais para a saúde e a assistência. (BATISTA, ROCHA, 2018)

O jardim de infância, para as crianças de 4 a 6 anos, era vinculado diretamente as Congregações Religiosas Femininas Católicas e as Associações de Senhoras Evangélicas. Eram instituições voltadas para a educação, saúde e assistência social, com iniciativas religiosas, filantrópicas, médico-higienistas e empresariais. Um trabalho caracterizado pelo feminino que oferecia apoio aos doentes, ajudava na maternidade e na educação das crianças. (BATISTA, ROCHA, 2018)

Para a época, as mulheres com bom conhecimento religioso eram vistas como aptas para a educação dos filhos, para o lar, para as escolas, para os trabalhos assistenciais e filantrópicos. Os Jardins de Infância de SC era um espaço rígido com a ideia de evitar preguiça e moleza e tinha propósito de ensinar os valores do tempo e do trabalho com princípios de uma ética protestante. (BATISTA, ROCHA, 2018)

Em 1996 publicaram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, que traz na seção II da educação infantil o Art. 29. “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.” O que antes poderia ser exercido por qualquer profissional, agora é necessário um professor (a) com nível superior, que tenha cursado uma graduação plena, em universidades ou institutos superiores de educação, como também é aceito o nível médio na modalidade Normal, o magistério, como formação mínima. (FONSECA, COLARES, COSTA, 2019).

O termo professor(a) ganha sua legitimidade profissional com a LDB e sua valorização de trabalho com crianças de 0 a 6 anos. E isso trouxe um presente, pois alimentou o caráter educacional que foi valorizado pela racionalidade, cientificidade, objetividade e características específicas de um modelo escolar (BATISTA, ROCHA, 2018). Um progresso, considerando a quantidade de professores/as sem uma formação mínima para trabalhar com crianças de até 6 anos. Em algumas instituições de educação infantil ainda encontramos profissionais que

atendem diretamente as crianças sem uma formação mínima. (FONSECA, COLARES, COSTA, 2019)

Por meios de lutas foi conquistado o direito das crianças, mas ainda não foi implementado, pois ainda hoje não houve universalização da educação infantil, principalmente se olharmos para a faixa etária de 0 a 3 anos. E apesar desses avanços, ainda temos a desigualdade de oportunidades educacionais entre municípios, estados, bairros, capitais, centro e periferias, e a maior desigualdade está entre o pobre e rico e entre branco e negro. Reduzir essas desigualdades é um desafio desde a Educação Infantil, pois como a primeira etapa da educação básica também participa da Política Nacional de Educação, com metas a serem cumpridas nos termos do Plano Nacional de Educação. (KRAMER, 2009)

Em 1980 temos o processo de redemocratização no Brasil. Com a volta das eleições estaduais e municipais foi colocado com importância na cena política: os debates em torno aos direitos das crianças, a delimitação das políticas da Educação Infantil e de formação de professores, a necessidade de criar um Fundo para garantir o cumprimento dos direitos, a importância de aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais. Todas as pesquisas, conhecimentos e movimentos sociais são levadas em consideração nesse processo. (KRAMER, 2009)

No ano de 1990 os direitos formais que a Constituição garante, como o direito das crianças à Educação Infantil e o dever do Estado em garantir vagas necessárias, foi reafirmada no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Essa lei é resultado de uma grande mobilização nacional que conseguiu mais de um milhão de assinaturas e pela promulgação da LDB. (KRAMER, 2009)

Com algumas mudanças no olhar para a educação infantil, em 1999 o Conselho Nacional de Educação organizou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que teve como mérito de afirmar a importância da qualidade da Educação Infantil com o objetivo explícito de cumprimento do direito das crianças. (KRAMER, 2009)

Em 2006 o Ministério da Educação – MEC publicou o documento *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos* que orienta os municípios a investirem na Educação Infantil como política pública. E no mesmo ano, o MEC publica os *Parâmetros Nacionais de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil* para garantir

infraestrutura, como reformas, construções e adaptações, nas instituições infantis. (KRAMER, 2009)

O Conselho Nacional de Educação assume o papel político formulando as Diretrizes que são fundamentais para custear os sistemas de ensino, as instituições, os professores e os gestores na ideia e implementação de Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil, no sentido de se adaptarem às novas exigências elaboradas com o intuito de garantir os direitos das crianças nas creches, pré-escolas e escolas. (KRAMER, 2009)

Com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica – Fundeb em 2007, o Brasil regulamentou a destinação de recursos para a educação infantil, dando possibilidade de ampliação de atendimento, diminuição de desigualdades regionais e buscas de padrões mínimos de qualidade, até o ano de 2020. A entrada da educação infantil no Fundeb foi um marco de valorização e maior garantia dos direitos das crianças pequenas à educação. (SIMÕES, 2020) O aumento de verbas pelo Governo Federal para o Fundeb foi definido dessa forma: 2,0 bilhões de reais em 2007; 3,0 bilhões em 2008; 4,5 bilhões em 2009 e 10% do valor total do Fundo a partir de 2010. As matrículas nas creches e pré-escolas públicas e privadas não lucrativas têm uma considerável ampliação da oferta, porém ainda não é o suficiente. A questão do Fundeb para o financiamento é o estabelecimento de um custo por aluno capaz de garantir a qualidade educacional. (KRAMER, 2009)

Apesar dos avanços presentes em pesquisas e estudos que provam a importância da Educação Infantil, mostrando a importância do desenvolvimento da primeira infância, somente em 2008 temos a lei nº 11.738 de 16 de julho de 2008 que garante o piso salarial para professores da Educação Básica pública. Os/as professores/as da Educação Infantil passam a ter plano de carreira e todas as conquistas da categoria. (KRAMER, 2009)

Em 2009 temos a atualização e ampliação das DCNEI, fruto de um amplo debate no campo educacional e movimentos sociais, o que consideramos um avanço no debate sobre a oferta da Educação Infantil no Brasil. Define que o centro do planejamento é a criança e que o projeto político-pedagógico deve pautar-se em oportunizar diferentes experiências para as crianças permeadas pelas linguagens. Segundo Zilma de Oliveira,

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) foram elaboradas a partir de ampla escuta a educadores, movimentos sociais, pesquisadores e professores universitários, que expuseram suas preocupações e anseios em relação

à Educação Infantil, considerando já haver conhecimento consistente acerca do que pode fundamentar um bom trabalho junto às crianças. Elas destacam a necessidade de estruturar e organizar ações educativas com qualidade, articulada com a valorização do papel dos professores que atuam junto às crianças de 0 a 5 anos. Estes são desafiados a construir propostas pedagógicas que, no cotidiano de creches e pré-escolas, deem voz às crianças e acolham a forma delas significarem o mundo e a si mesmas. (OLIVEIRA, 2010, p.1)

Os movimentos sociais, desde a Constituição, se mobilizaram e se mobiliza por uma visão das crianças como sujeitos de direitos constitucionais que produz cultura, por vagas em instituições de educação pública de qualidade, por uma melhor destinação de recursos públicos, o inseparável do educar e cuidar promovendo desenvolvimento integral para as crianças de 0 a 6 anos, implementação de políticas públicas que garantisse a expansão e melhoria na qualidade de atendimento educacional, identificação da Educação Infantil como campo interdisciplinar, multidimensional e em constante evolução. Essa luta não é de agora e sabemos que o seu fim está bem longe, falta muito para conseguir garantir aos bebês e crianças o mínimo necessário para uma boa educação. (KRAMER, 2009)

Ainda hoje, a ideia de creche é permeada pelo sentido assistencial voltado para a classe trabalhadora. Porém, temos insuficiência de vagas e recursos financeiros para a rede pública, faltam vagas integrais para as crianças que necessitam. A ideia de pré-escolas vem como instituições educacionais destinadas às frações de renda mais elevada da classe trabalhadora, com oferta de turno de meio-período e tem a função de preparar para o ensino fundamental. (FONSECA, COLARES, COSTA, 2019)

A ideia de atendimento das crianças, principalmente da creche, junto com a ação educativa precisa ter a garantia do cuidar também. Por isso, a educação da primeira infância é mais voltada a uma ideia de interação corporal e afetiva, o que faz muitas vezes a família não valorizar a parte educativa, ocorrendo uma desvalorização profissional, com salários baixos e pouco reconhecimento. (FONSECA, COLARES, COSTA, 2019)

O atendimento da Educação Infantil é um dever do Estado, um direito de educação escolar, direito da criança. Isso é baseado na ideia de que são sujeitos sociais ativos, produtores de cultura, com experiência de vida, que se desenvolvem, aprendem, constroem saberes e possuem o direito por conhecimento. Por isso é muito importante ter verba suficiente para as práticas educativas e as Propostas Pedagógicas em instituições educacionais. (KRAMER, 2009)

No decorrer as políticas para a rede de educação brasileira temos mais recentemente a Base Comum Curricular – BNCC, é prevista desde a Constituição de 1988 para o Ensino Fundamental. Apenas em 2010 se iniciou sua construção. Em junho de 2015 é aprovada a portaria 592 que instituiu uma Comissão de Especialistas para a elaboração da proposta da BNCC. Nesse primeiro momento não incluíram a Educação Infantil. Só foi incluída com o pedido da Coordenação Geral da Educação Infantil – COEDI. (COUTINHO, 2017)

Para fazer a escrita do documento, foi escolhido um grupo de especialistas da área, que se dedicaram à escrita de textos preliminares que foram largamente discutidos. A primeira versão, com um olhar na Educação Infantil, foi um texto bem sucinto. A segunda versão já constou um texto mais elaborado que explicitava com mais clareza algumas de suas escolhas. Essas duas versões seguiam o documento das DCNEIs. (COUTINHO, 2017)

A terceira versão foi publicada em abril de 2017 e com ela houve um retrocesso, pois, os especialistas que estavam participando da elaboração foram afastados e não foi aberto para a participação da sociedade civil. Essa versão trouxe sua perspectiva curricular baseada em competências e habilidades, colocando o desenvolvimento em certos aspectos e no individual, esquecendo do seu processo como constituição humana, um desenvolvimento integral. O campo de experiência “oralidade e escrita” traz uma ênfase na escrita ainda na Educação Infantil não considerando todas as dimensões do trabalho com as linguagens, principalmente com a imaginação que é o principal elemento quando se pensa nas experiências das crianças pequenas. (COUTINHO, 2017)

Nessa última versão do documento também é encontrado representações de organizações da sociedade civil, especialmente das fundações empresariais. Essas entidades possuem um discurso de preocupação com a qualidade da educação e com equidade. Outros interesses por trás são as:

Políticas nacionais de formação de professores, de materiais e tecnologias educacionais, de infraestrutura e de avaliação, ou seja, grandes nichos de atuação do capital privado, que poderá produzir material didático, com pacotes envolvendo formação da formação, assim como materiais e cursos preparatórios para avaliação de larga escala... (COUTINHO, 2017, p.356)

Agora, se nos debruçar sob os DCNEI, como visto acima, percebemos que a criança, um sujeito histórico e de direitos, necessita ser o centro do planejamento, se percebe um reconhecimento da criança como cidadã, que possui marcas do seu pertencimento no contexto

social. Porém, na BNCC, a concepção de criança é de um capital humano que precisa desde cedo ser preparada para o mercado de trabalho. (COUTINHO, 2017)

Vemos assim o campo de disputas em que nos encontramos e a importância de uma formação densa e crítica teoricamente.

2.2 O BEBÊ, A CRECHE E SUAS LINGUAGENS

Neste momento, vamos nos dedicar aos estudos sobre a infância e o lugar do bebê na sociedade. Não se sabe ao certo como aconteceu a “descoberta da infância”, mas alguns estudos nos mostram que se iniciou uma discussão no século XVII por conta da alta mortalidade infantil e por isso houve um aumento das iniciativas para poder supervisionar e intervir as crianças na tentativa de isolar o problema. Com essas iniciativas, mulheres grávidas, todas as crianças e todos aqueles ao redor começaram a passar com médicos especializados na área. Se inicia uma intensificação dos estudos na área da saúde. (AMORIM, 2013)

No século XIX começaram a aparecer hipóteses da fisiologia humana, então começa a ser visto que a criança tem especificidades próprias da idade, mudando conceitos, sendo vista como um ser em crescimento, em fase de desenvolvimento. (AMORIM, 2013)

O Estado moderno tinha uma necessidade de controle demográfico político da população, onde foi criado dois tipos de ação normativa, a primeira a “medicina doméstica” que era para a burguesia, fazendo se reorganizarem em torno da conservação e da educação das crianças, e a segunda, voltado para a classe mais pobre, onde tinha campanhas de moralização e higiene. Tudo isso era para o controle junto às famílias que buscavam disciplinar a prática da concepção e dos cuidados físicos das crianças, além do que, para os pobres, prevenir a miséria e a absoluta pobreza. Logo, a moradia, nutrição, higiene e pobreza saem do domínio privado e vão para o público. (AMORIM, 2013)

Nesse processo, qualquer movimento do corpo, do intelectual e da moral começam a ser observados, anotados e controlados. Perceberam que dependendo da maneira que se trata a

criança é determinante para as qualidades quando adulto. Essas mudanças redefiniram novas formas de convivência, dando a cada membro da família uma nova função. (AMORIM, 2013)

Portanto, segundo Amorim (2013, p.27):

[...]a concepção sobre o ser bebê foi sendo, historicamente, elaborada a partir de questões político-econômicas, destacadas pela análise demográfica. Aquela noção se transformou de maneira articulada com a atuação da profissão médica que vinha se fortalecendo; ainda, entrelaçada ao campo da psicologia que também se constituía naquele contexto. No processo, nasce o bebê; junto com ele, a família, particularmente a mãe, ganham visibilidade, nova posição e novas funções. No entrecruzamento dessas condições, ideias e práticas discursivas (Spink, 1999), foi ainda se estruturando o campo da psicologia do desenvolvimento, a qual tinha a meta de compreender e investigar o desenvolvimento humano; ou, mais particularmente, o desenvolvimento da criança e da criança pequena. Foram sendo reconstruídas, assim, as concepções do que é o ser bebê e de como se dá seu desenvolvimento.

No século XX, se estabelece o bebê como um ser social isolado. O relacionamento com a mãe passa a se tornar entrelaçado, o que reconstruiu a vida doméstica, a maternidade ganha um novo significado. (AMORIM, 2013)

2.2.1 O bebê e suas especificidades

No decorrer do estudo sobre o bebê e seu desenvolvimento vamos percebendo a sua necessidade vital pelo outro, de uma assistência que garanta sua sobrevivência. O outro o leva para o mundo e o interpreta para ele, é pelo outro que as primeiras atitudes do bebê vão ganhando sentido.

O primeiro adulto referência são os familiares, depois de um tempo participam de espaços coletivos de socialização, como a creche, onde também tem relações com outros adultos e outros bebês. Isso faz desenvolverem diversas referências afetivas e novas capacidades de se relacionar. Ou seja, eles inventam formas de se expressar, convidam os parceiros a uma ação compartilhada, conquistam uma ampliação nas formas de manifestar afeto. (BRASIL, 2016)

De modo geral, imitar, apontar, ofertar ou trocar objetos e rituais de contato corporal são algumas ações relacionais que se produzem nas relações dos bebês entre si. Reconhecer, sublinhar e incentivar essas possibilidades são caminhos importantes na ação dos adultos com eles, afirmando-os como atores sociais, produtores de linguagem. (BRASIL, 2016, p. 50)

A relação com o adulto é importante, pois o bebê constrói, a partir da fisionomia, signos vitais para sobreviver, como: se acalmar, aprender a esperar, entender que é aceito, o carinho, a preocupação, entre outros. Com isso, o bebê começa a “ler”, ler os sons, as vozes, os gestos, os espaços, o tom corporal, começa a ler todos os sentidos. (BRASIL, 2016)

Quando o adulto se dirige a criança, qualquer palavra dita, tem seu ritmo, sua entonação. “Dizer a um bebê como ele é bonito dispara uma série de efeitos sobre a linguagem: diminutivos, entonações, perguntas retóricas, repetição de sílabas, algo muito próximo a seu balbucio.” (BRASIL, 2016, p. 20) E quando balbuciam podemos ter diversas atitudes, a de deixá-lo explorar a fonética, sua língua, ou brincar com esses sons por meio da imitação e que quase sempre, se tem uma atenção conjunta e algo novo se acrescenta. E isso é muito importante, pois são as primeiras produções vocais dos bebês, o quanto nos dizem com gritinhos, balbucios. E se prestarmos atenção vamos percebendo que estão atentos às diferenças que incentivamos na imitação dos seus próprios sons e que após imitar nos responde com uma nova emissão, diferente daquela feita anteriormente. (BRASIL, 2016)

Com os balbucios o bebê está tendo um aprofundamento da intersubjetividade, ou seja, está fazendo a construção da capacidade de poder entender os estados mentais das outras pessoas para conseguir compor um diálogo de intencionalidades. Com esse processo o bebê aprende a diferenciar sons, palavras e intencionalidade, uma ferramenta básica para a construção do pensamento. (BRASIL, 2016)

Mas, para chegarmos ao balbucio é necessário que toda vez que fazemos um gesto o nomeie e dê o significado no social. Movimento, corpo e significação se entrelaçam no cotidiano, dando ênfase na importância da fala com os bebês, na nomeação das suas ações, da abertura para os sentidos que vão construindo sobre e com os objetos a partir das suas interações. (BRASIL, 2016)

Se olharmos para o que Vigotski e Pino trazem, o sorriso, que no começo é apenas um espasmo na região do rosto, se torna uma atitude para o outro quando instigado pela fala e a expressão do adulto. E o choro, que surge como um sinal de desagrado ou frustração, se torna uma forma de comunicação quando adulto o responde com um olhar, um colo. (BRASIL, 2016)

Essa narrativa cotidiana tem como base o cuidado afetivo, as experiências com palavras e olhares compartilhados. (BRASIL, 2016). “A narração constitui a principal fonte de

entrada para a linguagem” (BRASIL, 2016, p. 14). Fazemos narração para sobreviver, para entender as coisas que ocorrem ao nosso redor. É essencial conversar com o bebê, o olhar, o toque com afeto, a disponibilidade corporal do adulto, disponibilidade principalmente quando está em cuidados corporais, pois desenvolve parceria e autoconfiança o que ajuda o bebê a se expressar de forma segura e prazerosa. Eles precisam dessa narração precoce para conseguir se organizar. Suas manifestações fisiológicas possibilitam contatos afetivos, ou seja, um choro, por exemplo, contágia e provoca uma resposta do adulto, o que cria um caminho de comunicação importante. Logo, pode se dizer que os bebês são acolhidos pelos sentidos da vida dos adultos e conseguem ter as respostas deste se expressando ativamente. (BRASIL, 2016)

É importante perceber como o biológico e o cultural se misturam sem perda de especificidades. O humano não deixa de ser natureza, mas a transforma em relações sociais, com a entrada na linguagem e nas experiências culturais que ocorrem desde seu nascimento. E, conforme entende esse funcionamento, os coloca numa rede de relações onde as atitudes ganham significados conforme a cultura inserida. Pouco a pouco vão ganhando intencionalidade, sentido e direção. (BRASIL, 2016)

Vigostki estudou o gesto de apontar como origem do processo da criança de constituição social. No início o gesto é para tentar pegar algo, um impulso. O adulto interpreta o gesto e o atende, quando isso acontece a situação muda. Apontar se torna um gesto para os outros, logo, o pegar algum objeto se torna o apontar, pelo entendimento que o outro tem da ação do bebê e pela decodificação e a atribuição de sentido. (BRASIL, 2016)

Já para Wallon o bebê utiliza a inteligência prática, ou seja, com gestos práticos utiliza dos meios para conseguir o que precisa. Também utiliza do gesto ritual, gestos nascidos nas relações com o outro. Ou seja, as consequências do que procura está nas forças que utiliza. (BRASIL, 2016)

Para o pesquisador, o primeiro estágio na vida humana é afetivo ou emocional pois é o que orienta as primeiras intuições do bebê com o outro e o coloca na sociabilidade. O momento após está voltado para o mundo físico. Ou seja, mesmo não tendo domínio na capacidade de representar, nos primeiros estágios, sua ação sobre o meio não é somente manuseio das coisas, intercala em movimentos e percepções. (BRASIL, 2016)

Contágios motores, gestos rituais reproduzidos, diálogos concretizados por expressões faciais mostram a qualidade social da motricidade humana, desde as primeiras semanas do bebê. Ao longo do segundo semestre de vida, além do interesse pelas pessoas, o bebê desenvolve o interesse pelos objetos. A presença de brinquedos, livros e outros objetos culturais, além de possibilitar a descoberta de suas propriedades físicas, potencializa as interações dos bebês com os adultos, dos bebês entre si e com outras crianças. Os objetos ganham sentido na relação com o outro, como vimos nos Relatos 2 e 3. Como afirma Vigotski (1989), o caminho entre a criança e o objeto passa sempre por outra pessoa. (BRASIL, 2016, p. 59)

Os gestos rituais, o mimetismo (indicador da imitação) e a certa ecopraxia (repetir a ação do adulto que está com ele) estão *na aproximação da imitação deliberada*, na repetição na hora que o modelo não está presente. São importantes formas para a construção da capacidade representativa dos bebês, de se comunicar e rerepresentar o mundo, conseguindo romper os limites da realidade imediata e presente. Pela qualidade de comunicação e em relação com o outro, “os gestos rituais são experiências iniciais com a linguagem”. (BRASIL, 2016)

Por fim, “a imitação faz uma ponte entre a ação sensório-motora prática e a ação simbólica, o gesto ritual”, (BRASIL, 2016, p. 62) com e para o outro. É ela que faz a passagem entre a etapa do bebê com situações sociais em que vive e o momento que ele pode dar um feito de imagens, símbolos, proposições. (BRASIL, 2016)

Perto dos dois anos de vida, quando estão deixando de ser bebês, o repertório de brincadeiras compartilhadas com eles é enriquecido com presença de fantoches, bonecos, objetos lúdicos que dão favorecimento para iniciar a capacidade simbólica, o “fazer de conta que...”. O repertório de imagens que podem ser ofertados durante uma narrativa, contos enriquece a possibilidade imitativa, ficcional e lúdica. (BRASIL, 2016). O bebê imita tudo que faz sentido para ele, colocando a sua interpretação sobre. (BRASIL, 2016)

O ato de imitar, ao mesmo tempo em que se apoia no outro, mostra a atenção e a participação na realidade circundante, revela a potência criadora de quem imita. Coloca-se como resposta, comprometida com o outro, mas se deslocando dele também; vai em direção a um sentido do novo. (BRASIL, 2016, p. 62)

Pelos estudos de Vigotski podemos afirmar que a linguagem tem duas funções no desenvolvimento humano: a comunicação e o pensamento generalizante. A estreita ligação entre linguagem e pensamento é uma construção no desenvolvimento da criança/bebê. A

linguagem, a fala e o pensamento acontecem ao mesmo tempo, um constituindo o outro. (BRASIL, 2016)

As duas funções surgem no primeiro ano de vida, nas expressões corporais, nas expressões vocais. Por volta dos dois anos de vida as curvas do pensamento e linguagem, que antes eram separadas, se cruzam para começar uma característica do humano, o significado concretizado nas palavras, na fala. Logo, a palavra coroa a ação, a relação nos contextos significativos, trazendo novas linhas de ação. (BRASIL, 2016)

Aqui, podemos destacar o trabalho de Vigotski sobre a fala egocêntrica, que é o que marca as ações das crianças no mundo, nos seus primeiros anos de vida. A fala auxilia a ação, logo é por isso que utilizam nas suas ações sem mesmo estar falando com alguém, uma distinção da fala organizadora (para si) e da fala comunicativa (para o outro), a fala e a ação se cruzam. Com o tempo vai internalizando a fala organizadora, o germe do pensamento. E ao mesmo tempo fala com o outro com mais precisão, usando a linguagem falada para sua comunicação de forma mais clara. (BRASIL, 2016)

Quando começam a fazer a diferenciação da fala organizadora e da comunicativa, os bebês começam a materializar na palavra o pensamento junto com a modificação na fala. “Para Vigotski (2000), a palavra não é simples vestimenta de conteúdo internos, mas nela o pensamento ganha extensão, vida e materialidade.” (BRASIL, 2016, p.64)

As crianças começam a utilizar as palavras para significar, ainda utilizando o corpo como apoio para a linguagem verbal. A palavra na sua capacidade simbólica se entrelaça com a ação humana, social, significativa, constitutiva dos sujeitos. (BRASIL, 2016)

Temos que ter plena ciência da importância dos conceitos de linguagem pré-intelectual e o pensamento pré-verbal de Vigotski, pois com eles entendemos o corpo como linguagem, a concretização da comunicação. Mas, não podemos esquecer da palavra que nasce das ações, se apoiando no movimento de significar o mundo, em situações contextualizadas, compartilhadas com o outro, seja adulto ou criança. (BRASIL, 2016).

2.2.2 As linguagens dos bebês e a ação docente

Com os nossos estudos até aqui podemos dizer que a nossa língua é um labirinto que acolhe o bebê, que ao mesmo tempo, o coloca no mundo das funções simbólicas e da comunicação. O bebê começa a construir seu psiquismo. (BRASIL, 2016).

Ter o reconhecimento da ação dos bebês nos provoca repensar os currículos da educação infantil e a ação do adulto de modo a reconhecer cada novidade que a criança traz, mas também consiga contemplar o que é papel da educação formal. (COUTINHO, 2017)

Porém, para assegurar as condições necessárias para que as crianças consigam elaborar significados por meio dos seus corpos é necessário partir do princípio que a relação com o outro é fundamental. Ou seja, o cotidiano é um espaço de encontros e com as mais variadas situações eles se lançam na interação. Agora, a qualidade das suas relações depende das condições estabelecidas pelos/as professores (as), a forma de organizar esse cotidiano, este espaço e suas materialidades precisa favorecer a criação das relações, para que possam desenvolver identidade social e autoidentidade. Portanto, a autoidentidade tem que ser pensada com cuidado na hora da sua construção, pois todos os dias diversas situações mostram para as crianças sobre o seu pertencimento a partir do corpo, seja pela raça, pela idade ou seja de gênero. (COUTINHO, 2017)

A ação social dos bebês imprime marcas no cotidiano da educação infantil que questionam as lógicas de organização centradas na normatização das ações e relações. Tais marcas perpassam, sobretudo, o reconhecimento da presença corporificada dos bebês, os quais se manifestam e se relacionam lançando mão de formas comunicacionais que exigem do professor um constante exercício de escuta e interpretação, reposicionando o que significa à docência com bebês e crianças bem pequenas. Com essa compreensão, a organização do cotidiano da educação infantil é analisada com base na ação social dos bebês e no pressuposto de que o corpo é um dos componentes dessa ação e uma experiência que se constitui na (inter)ação. (COUTINHO, 2017, p. 105)

Porém, o trabalho pedagógico com bebês feito dentro das creches ainda tem carência no diálogo com produções acadêmicas para promover uma produtiva discussão sobre as práticas pedagógicas, sobre as formas de avaliação, uma contribuição para melhorar a qualidade desse atendimento dentro das instituições com os profissionais, gestores e aos formuladores de política pública que os atendem. Mas, a dificuldade de conseguir ter esse diálogo é consequência da fragmentação dos estudos sobre os bebês nas diferentes áreas de pesquisa, como a psicologia, campos da saúde e a educação, o que torna difícil a troca de saber

interdisciplinares sobre situações complexas e envolvem diversas multiplicidade de perspectivas com um objeto de estudo. (SIMÕES, 2020)

Para ter a compreensão sobre o pensar nos bebês, primeiro precisamos entender que o trabalho pedagógico muda dos demais trabalhos relacionados aos pequenos. Segundo Delgado, Barbosa e Richter (p. 273, 2019)

Segundo Ávila (2002, p. 127) - referenciada em algumas dissertações (RODRIGUES, 2009; DEMARTINI 2003; e DUARTE 2011), este trabalho “[...] não é maternagem, pois não se realiza em contexto familiar; não é puericultura, porque não se liga às práticas médico-higienistas; não é aula porque não tem como forma a escolar e não há alunos para incorporar a cultura produzida por conteúdos escolares”.

A prática dos/as profissionais que trabalham na instituição infantil tem proximidade com as práticas domésticas de proteção e cuidado, o que faz com que na história da Educação Infantil existam contradições entre o feminino e o profissional. Mas, alimentar, banhar, trocar, ninar, fazer carinho, consolar, entre outras, são tarefas que fazem parte de um trabalho pedagógico que não são ligadas somente a práticas domésticas e/ou femininas. No dia a dia, os professores (as) da Educação Infantil também constroem relações com as práticas brincantes, afetivas, emocionais, corporais e de cuidado. Logo, as práticas educativas-pedagógicas são construídas a partir do conjunto de conhecimentos que relaciona experiências domésticas, experiências das práticas pedagógicas e aquelas que são adquiridas nos cursos formadores de professores. (BATISTA, ROCHA, 2018)

O professor bem como ao intelectual, como sujeito histórico que pode viabilizar o acesso à cultura geral e sistematizada, bem como produzi-la. Dessa perspectiva, sua ação pode ser vista como uma atividade teórico-prática pela qual é compreendido como socializador e produtor de conhecimentos. (PPP/UFSC, 2008, p. 15)

Logo, para ter uma efetiva ação pedagógica, é exigido um planejamento intencional, com a observação e o registro e um olhar no espaço e tempo que a criança está inserida. O texto de Barbosa e Richter (2010) traz que o currículo da creche necessita de uma pedagogia voltada às relações. A docente trabalha com uma educação voltada para a construção da narrativa de vida, como um processo de trocas para a construção de vidas compartilhadas, nos fazendo pensar como é possível uma educação com companheirismo, hospitalidade e acolhimento, respeitando a contextualização a história de cada bebê, entendendo cada percurso individual e os inserindo no coletivo da instituição (BARBOSA, RICHTER, 2010).

Pelos bebês possuem especificidades únicas, o trabalho do professor (a) precisa ser diferenciado dos demais grupos. É necessário o entendimento das especificidades e suas dimensões de trabalho, saber da necessidade da intimidade corporal e afetiva. Essas características os diferenciam das crianças maiores, onde o cuidado ganha ênfase nos grupos dos bebês, logo que são mais dependentes dos adultos. E nesses momentos de cuidado é necessário ser considerado cada singularidade, com atenção nas linguagens apresentadas pelos pequenos nesses momentos para poder ampliar e significar cada uma.

Mas, para tudo isso acontecer precisamos de profissionais bem formados. Porém, até os dias de hoje um título de nível superior ou médio não garante a preparação ideal/total para o trabalho com as crianças pequenas. Um estudante de pedagogia pode conseguir um diploma sem ter ido a uma aula com especificidade em educação infantil, por exemplo. (FONSECA, COLARES, COSTA. 2019)

Necessita ainda que na prática pedagógica o trabalho seja pensado coletivamente, para que assegure a coerência, confiança e segurança entre as ações dos adultos. A docência compartilhada é uma das especificidades da Educação Infantil. Em salas referências o dia a dia dos bebês e crianças pequenas é compartilhado entre professoras e auxiliares. Quanto menor for a criança, maior é o número de adultos responsáveis pelo grupo, isso é garantido em algumas legislações de alguns municípios, mas apresenta-se como um grande desafio na efetiva realidade das instituições educativas. (DELGADO, BARBOSA, RICHTER, 2019).

3 O QUE AS EMENTAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC TRAZEM SOBRE O ASSUNTO – EM PAUTA A FORMAÇÃO DA/DO PEDAGOGA/PEDAGOGO

O que antes educava as crianças pequenas era quem tinha paciência e conseguia criar um vínculo afetivo com elas, a LDB trouxe a Educação Infantil como parte da educação básica organizada em um bloco e tendo a exigência da docência trazendo preocupação dos pesquisadores sobre a formação dos (as) professores (as) e as especificidades da educação das crianças pequenas. Porém é apenas com a DCNs para os cursos de graduação de Pedagogia em 2006 que a Educação Infantil foi incluída, dez anos depois. Antes disso os currículos universitários eram voltados para os Anos Iniciais com pouco conteúdo que pudesse contribuir para a Educação Infantil. (ALBUQUERQUE, ROCHA, BUSS-SIMÃO, 2018; VARGAS, GOBBATO, BARBOSA, 2018)

Desde então, os cursos de Pedagogia – ainda que numa perspectiva generalista – têm feito esforços para construir percursos na formação inicial que abarquem a docência com crianças de 0 a 6 anos. Ao mesmo tempo, a própria especificidade dessa ação docente veio sendo construída e defendida, para que aconteça com propostas educativas centradas no cuidar e educar e nas experiências das crianças. Contudo, após as reformas curriculares no curso de Pedagogia, o que predominou foi um currículo por áreas de conhecimento, com a simplificação dos conteúdos da formação para atuar com crianças maiores, como se esse fosse o arranjo adequado para formar professores de Educação Infantil (KISHIMOTO, 2005). **A referência a tópicos sobre a educação de 0 a 3 anos está ausente nos planos de ensino dos componentes curriculares do curso e, com isso, os acadêmicos continuam se formando sem conhecer a realidade da creche** (SECHANECHIA, 2011). (VARGAS, GOBBATO, BARBOSA, 2018, p. 47. Grifos nossos)

Precisamos pensar sobre a formação inicial e o que aborda para a Educação Infantil levando em consideração que a creche tem suas especificidades. A ausência de conhecimentos sobre a creche, bebês e suas especificidades não pode continuar. Nessa seção faremos a análise do PPP do curso de Pedagogia da UFSC disponível no site da Universidade, utilizando como critério de busca os descritores: bebês ou crianças pequenas – 0 a 3 anos, educação infantil e linguagens (pode aparecer como comunicação ou expressão) para fazer o levantamento do que o curso de pedagogia aborda sobre o bebê e suas linguagens.

Com esses pré-requisitos conseguimos a seguinte informação:

Tabela 1

Nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada.	Quant. Disciplinas ofertadas	Quant. Disciplinas ofertadas sobre desenvolvimento da criança e linguagem
1º Semestre	7 disciplinas obrigatórias	Nada Consta
2º Semestre	7 disciplinas obrigatórias	Nada Consta
3º Semestre	7 disciplinas obrigatórias	1 disciplina
4º Semestre	6 disciplinas obrigatórias e 1 NADE*	1 disciplina
5º Semestre	6 disciplinas obrigatórias	2 disciplinas
6º Semestre	7 disciplinas obrigatórias	2 disciplinas
7º Semestre	3 disciplinas obrigatórias e 1 NADE*	1 disciplina
8º Semestre	4 disciplinas obrigatórias	Nada consta
9º Semestre	2 disciplinas obrigatórias	Nada consta

Fonte: Elaborada pela autora.

Percebemos com a tabela 1 que das 49 disciplinas obrigatórias ofertadas distribuídas em nove semestres, apenas 7 ementas contemplam os descritores eleitos. Porém, a grade curricular do curso é dividida em disciplinas obrigatória e as não obrigatórias que são as eletivas, e o Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos - NADEs que servem para complementar os conteúdos curriculares e que podem aprofundar e diversificar os estudos. No PPP consta cinco disciplinas eletivas e seis NADEs, onde a disciplina “Educação Patrimonial, Memória, Linguagens” é a única que traz a Linguagem na matriz curricular.

Com os estudos realizados aqui já percebemos a ausência de um aprofundamento nos estudos sobre os bebês e a educação infantil. Quando estudamos a história do bebê e da Educação Infantil percebemos uma exclusão maior dos bebês e das crianças bem pequenas. Em nosso país são um grupo social mais invisibilizado, com poucas pesquisas sobre e a falta de políticas públicas que garantam creche para todos e uma educação de qualidade, geralmente os bebês não estão incluídos nos discursos sobre a Educação Infantil. As crianças de 0 a 3 anos tem uma menor chance de conseguir uma vaga na creche por conta da falta de cobertura no território nacional e quando existe a vaga os profissionais que atendem são menos qualificados que os demais. (GOBBATO, BARBOSA, 2017)

Precisamos reconhecer que os bebês e as crianças bem pequenas não precisam crescer para tornarem-se sujeitos de direitos, protagonistas de suas aprendizagens, afim de que possamos construir uma educação infantil que os tire da penumbra. Precisamos compreender que os bebês nos apresentam outro modo de ser “criança”, de conceber uma “escola”, de viver um “currículo” e de exercer a “docência”, sobre qual precisamos aprender e também respeitar. Não podemos esperar que os bebês virem “crianças” para que, só então, tenhamos uma escola com proposições pedagógicas que os “enxerguem” e contemplem. Já é tempo de pensarmos o espaço da Escola Infantil como um espaço dos/para e construído com os bebês e crianças bem pequenas, e não um espaço arranjado, improvisado para eles. Para isso é preciso olhá-los, escutá-los em suas diferentes sonoridades, observar seus gestos, suas expressões, escutar com atenção seus choros, perceber e permitir suas iniciativas. Estar com eles, e aprender com eles. (GOBBATO, BARBOSA, 2017, p.32)

Porém, como estudante do curso posso dizer que apesar de algumas disciplinas não contemplar o termo bebê em sua ementa, tivemos discussões substanciais durante o semestre sobre eles apreendendo alguns aspectos das suas especificidades, mas algumas vezes o assunto aparecia como uma conversa, então o assunto ficava um pouco solto, faltando uma sistematização e continuidade. Apenas duas disciplinas, “Organização dos processos educativos na Educação Infantil I” e “Educação Infantil VII: estágio em Educação Infantil” que nas suas ementas não tinham o termo bebê, porém foi estudado de forma sistematizada e mais aprofundado.

Para aprofundarmos nossos estudos, a tabela 2 traz o nome da disciplina e ementa daquelas selecionadas a partir dos critérios de busca, nela destacamos os descritores eleitos encontrados.

Tabela 2

Semestre	Disciplina ofertada	Ementa
----------	---------------------	--------

3º	MEN7130 - Linguagem escrita e criança	Aquisição da linguagem. A criança na sociedade letrada. Concepções, representações e hipóteses de escrita formuladas pela criança. Relações entre escrita, oralidade, linguagens verbal e não verbal. Processos não planejados e não sistematizados de aquisição/aprendizagem da escrita. Da leitura/escritura icônica à leitura/escritura arbitrária e convencional. Introdução ao letramento e à alfabetização.
4º	MEN7104 - Educação e infância IV	Fundamentos históricos, políticos e pedagógicos da Educação Infantil. Políticas para a Educação Infantil no Brasil: condicionantes nacionais e internacionais. Legislação e orientações governamentais para a Educação Infantil. Modelos curriculares em Educação Infantil: bases teóricas e metodológicas.
5º	MEN7105 - Educação e infância V	Bases conceituais: jogo, brinquedo e brincadeira; pensamento e linguagem ; interações sociais; processos de formação do pensamento: conceitos espontâneos e científicos. Contribuições da brincadeira, das interações e da linguagem no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.
5º	MEN7151 - Organização dos processos educativos na Educação Infantil I	Organização do cotidiano na Educação Infantil : tempo, espaço, atividades. A formação do grupo. O papel do educador. Instrumentos da prática pedagógica: planejamento, documentação (observação e registro); avaliação na Educação Infantil.
6º		Implicações educacionais do jogo, das interações e da linguagem como base para a construção do conhecimento na infância. Estratégias

	MEN7106 - Educação e infância VI	metodológicas e indicadores para a ação pedagógica nos diferentes contextos educativos. As linguagens: não-verbal, verbal, gestual, corporal, plástica, pictórica e musical das crianças. A produção cultural das e para as crianças.
6º	MEN7152 - Organização dos processos educativos na Educação Infantil II	Especificidade do trabalho educativo com bebês . Organização das atividades da vida diária: sono, alimentação, higiene e cuidados essenciais. Processos de inserção das crianças nos espaços coletivos de educação (adaptação). Relação entre famílias e Educação Infantil
7º	MEN7107 - Educação e infância VII: estágio em Educação Infantil	Diretrizes educativas e definição de núcleos da ação pedagógica da atuação no estágio em Educação Infantil . Conhecimento dos campos de estágios e definição compartilhada dos projetos de estágio. Observação, registro, documentação e análise dos contextos e das relações educativas. Atuação docente. Elaboração de relatório de estágio – análise crítica das intervenções realizadas junto às unidades de Educação Infantil do sistema público de ensino.
NADE	MEN7158 - Educação Patrimonial, Memória, Linguagens	Estudo sobre as diferentes linguagens que dão forma ao patrimônio histórico-cultural. Educação patrimonial. História. Identidade. Memória. Cidadania. Cultura. Atividades escolares em educação patrimonial.

Fonte: Elaborada pela autora.

Com um olhar sensível para cada disciplina, vamos entender o que cada uma traz em sua ementa e se, apesar de apresentar os descritores eleitos, se contemplam nosso estudo.

A primeira disciplina – Linguagem Escrita e Criança – apresenta em sua ementa o termo “linguagem verbal e não verbal”, porém se analisarmos o resto da ementa vamos perceber

que o dito é sobre o universo letrado e suas formas de interpretação. Então aqui, não entra no nosso objeto de estudo.

A segunda disciplina – Educação e Infância IV – se dedica ao estudo da Educação Infantil, sua história, sua legislação, bases teóricas e metodológicas. Ela traz fundamentos que muito nos explica sobre a creche e a educação dos bebês apesar de não abordar sobre as linguagens, é uma disciplina importante para esse trabalho. Foi estudado os aspectos históricos das instituições infantis, o conhecimento sobre a política nacional para a Educação Infantil, e teve o conhecimento e análise de modelos curriculares identificando as bases teóricas e metodológicas. Alguns dos teóricos estudados foi: Moysés Kuhlmann Junior, Maria Malta Campos, Fúlvia Rosemberg, Luciana Esmeralda Ostetto entre outros.

A terceira disciplina – Educação e Infância V– apesar de não trazer o termo bebê, nos traz, brevemente, sobre a aquisição do pensamento e a concepção da linguagem com a pesquisadora Solange Jobim e Souza. E como visto, segundo Vigostki a fala egocêntrica é o germe da internalização do pensamento e quando a ementa nos traz sobre o desenvolvimento da criança também nos revela que foi estudado desde a aquisição das palavras até a formação do pensamento.

A quarta disciplina – Organização dos processos educativos na Educação Infantil I – um tema muito presente neste trabalho, estudamos sobre a instituição de educação infantil no seu todo e estratégias da ação pedagógica que necessitam reconhecer o bebê e suas especificidades. Conhecemos e analisamos as diretrizes teórico/metodológicas, o direito da criança e da infância para um trabalho educativo em instituições de educação infantil com a proposição de cuidar e educar. Problemizamos a prática pedagógica na Educação Infantil com a organização do tempo e do espaço, refletindo sobre questões conceituais, como: espaço como lugar, objetivos e funções e suas materialidades e o tempo da infância. E para finalizar essa disciplina houve uma reflexão sobre o observar, registrar, documentar e avaliar como instrumentos da prática pedagógica. Com as teóricas Kátia Adir Agostinho, Rosa Batista, Ana Lucia Faria, Eloísa A C Rocha e documentos oficiais da Prefeitura de Florianópolis.

A quinta disciplina – Educação e infância VI – apesar de também trazer o termo linguagem verbal e não verbal, percebemos que não são dos bebês que se referem, mas sim de crianças maiores que apresentam outros tipos de linguagens.

A sexta disciplina – Organização dos processos educativos na Educação Infantil II – nos traz sobre os bebês desde sua ementa e apesar de não trazer explicitamente sobre o estudo sobre as múltiplas linguagens no decorrer do semestre problematizamos sobre a prática pedagógica com os bebês a partir dos conceitos de relações sociais, a constituição da linguagem, cuidado com ética, experiências, corpo e emoção etc. Nela também foi estudado sobre as possibilidades de organização da rotina da creche, a forma do/da professor/a se relacionar com o bebê, a relação do cuidar e educar. Estudamos Rosinete Schimitt, Gabriela Campos Tebet, Fernanda Tristão dentre outros. Nessa disciplina ficou muito clara a necessidade de ter a compreensão das singularidades dos bebês referentes à sua infância.

É a primeira disciplina que nos mostra com clareza um estudo mais aprofundado sobre os recém-chegados ao mundo. Uma disciplina do sexto semestre. Até então percebemos o pouco contato com tema, porém nessa fase já encontramos muitos (as) estudantes estagiando na área, e dificilmente conseguirão realizar um trabalho de qualidade se até então não tiveram um aprofundamento nas especificidades dos bebês e pouco sabem sobre a necessidade de uma disponibilidade corporal e afetiva, da importância de dar significado aos gestos, balbucios, choros, enfim, as linguagens que os pequenos nos mostram todos os dias.

Já na sétima fase temos a disciplina Educação e infância VII: estágio em Educação Infantil, que estuda a educação infantil no seu todo. Mas, quando a cursei os bebês foram bem contemplados, igual as crianças maiores. Acredito que apesar da ementa não contemplar os bebês, o estágio incide em todos os grupos e penso que os bebês necessariamente aparecem. Pois, realizamos observação, registro e documentação com o foco nas relações educativas de crianças de 0 a 6 anos, planejamos propostas para atuação compartilhada e realizamos um memorial com análise crítica sobre o estágio utilizando como referência teórica os pesquisadores estudados no decorrer do curso e documentos oficiais da Prefeitura de Florianópolis e do Governo Federal.

E a última disciplina, que não é obrigatória, é o NADE – Educação Patrimonial, Memória, Linguagens – percebemos que não traz sobre a linguagem dos bebês e sim da sociedade no geral.

Além do PPP e do currículo do curso, existem diferentes ações de extensão e grupos de pesquisas no Centro de Educação/UFSC que se dedicam a estudar bebês, crianças e

infâncias, dentre eles destacamos o NUPEIN – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância, da qual fazemos parte, com larga trajetória em estudos e pesquisas relacionadas aos bebês, crianças, infâncias e a Educação Infantil⁴

Um estudo feito por Vargas, Gobbato e Barbosa (2018) nos revela que os estudantes de Pedagogia que vão para o estágio se referem a falta de experiência com os bebês, fazendo parecer algo desafiador, os deixando inseguros. Alguns dizem que não querem estar com as turmas menores de 3 anos por não saber atuar e nem desejam estar com os bebês, outros estudantes pensam que não tem muitas possibilidades de aprendizagem por parte dos bebês e o trabalho docente é reduzido por conta da faixa etária. Nos mostrando que os currículos das universidades são centrados numa educação transmissiva, centrada no adulto e com um produto final homogêneo.

Construir uma docência contextualizada e centrada nas experiências dos bebês, nos seus processos, em suas primeiras aprendizagens e nas relações que estabelecem é um desafio na docência com bebês e crianças bem pequenas, o qual fica evidente no acompanhamento das estagiárias, que tendem a exercer uma docência mais próxima à dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Aprender que educar bebês não significa apenas constituir e aplicar um projeto pedagógico objetivo, mas colocar-se –física e emocionalmente –à disposição das crianças (BARBOSA, 2010) parece ser um aspecto complexo das aprendizagens das estagiárias. (VARGAS, GOBBATO, BARBOSA, 2018, p.59)

Aqui na UFSC discutimos, por exemplo, a importância de conceituar a infância e a criança de forma histórica, política e cultural; debatemos sobre o cuidar-educar como facetas indissociáveis; do espaço e do tempo como categorias importantes da educação; do valor da luta política e do trabalho docente que defenda a permanência de qualidade na Educação Infantil como direito à infância.

⁴ Ver o Dossiê - **Perspectivas de Pesquisa na Educação infantil: 30 anos de trajetória, que celebra os 30 anos de pesquisa sobre a Educação Infantil do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.** O núcleo de pesquisa foi fundado em 1991 com o nome de Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos (NEE0A6). E ainda a ação de extensão – **Ciclos de Debates sobre a Educação Infantil do NUPEIN** que está em sua 30ª edição, um espaço-tempo de formação e de articulação da universidade com as redes públicas de ensino catarinense, que vem garantindo a divulgação das pesquisas mais recentes desenvolvidas pela UFSC em torno da Educação das crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas.

Muito mais do que preencher tabelas em um planejamento de unidades prontas, aprendemos a pensar qual infância defendemos e como organizar nosso trabalho para que reflita isso. Fugindo do espontaneísmo, demonstrando a intencionalidade pedagógica, mas sem perder de vista o aspecto do cuidado. Entendendo a Educação Infantil, não como assistencial ou escolarizante, mas como uma etapa única com suas especificidades. E para complementar esse estudo sobre a Educação Infantil, o bebê, como protagonista, um ser de direitos e cultural, com suas especificidades e suas múltiplas linguagens precisa ser estudado com mais aprofundamento para cada professor (a) garantir e respeitar o seu desenvolvimento.

Refletir sobre o modo de realizar a educação de bebês e crianças bem pequenas em espaços de educação coletiva significa repensar as concepções acerca de uma escola da infância e reformular a formação inicial e continuada dos professores. Ao mesmo tempo, impõe considerar quais são suas funções, de que maneira deve se organizar e qual deve ser a proposta pedagógica. Necessário se faz conhecer sobre o que os bebês solicitam às educadoras, em termos de uma pedagogia que contemple ações complexas e contextualizadas, pautada em princípios que se sustentam nas relações, nas interações e nas práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências e seus processos de aprendizagem em espaços de convivência coletivas. (VARGAS, GOBBATO, BARBOSA, 2018, p.61/62)

No curso de uma instituição de excelência, como a UFSC, são oferecidas disciplinas que tratam da Educação Infantil como um todo, atendendo as crianças de 0 a 6 anos, porém um estudo mais aprofundado sobre os bebês é garantido em apenas uma disciplina de modo direto, e no conjunto das discussões da inteireza da educação infantil em outras, mas temos o risco de que ela apareça no decorrer dessas outras por conta do(a) professor(a) que ministra a disciplina considerar um tema relevante e discutir em aula. Precisamos de mais ementas que garantam o estudo sobre os bebês.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de existir um ascendente crescimento de pesquisas relacionadas à infância e as lutas sociais em torno dos direitos das crianças, com influência de diferentes áreas, percebemos que existe uma historicidade de descaso e silenciamento das crianças, sobretudo, as muito pequenas e os bebês, que ainda são vistas como um vir a ser, e não como sujeitos em sua totalidade, detentores de direitos e membros de um grupo social.

A formação e ação docente na Educação Infantil deve combater essa visão cruel, construindo uma escuta atenta às diversas formas de expressão, como o choro, os gestos, os balbucios para poder entender, acolher e suprir a necessidade de cada um. Entendendo que os bebês se comunicam pelo corpo e a linguagem se constrói na interação com os pares e com o adulto e, cada linguagem atendida faz o bebê ter novos significados. Temos a percepção do quanto os bebês são ativos, potentes, capazes de ação e relação, de comunicação, e expressão. Então é importante organizar de forma intencional o tempo, o espaço e a rotina, para que os bebês tenham suas demandas atendidas e sejam protagonistas nessa relação para também ser ofertado uma ampliação de repertório de qualidade.

O entendimento dos (as) professores (as) da Educação Infantil, acerca do que é ser criança e do que é a infância determinam o trabalho docente. Precisar de uma escuta ativa, e um olhar atento tendo em vista o desenvolvimento integral da criança para uma prática pedagógica de qualidade.

Esse estudo nos mostrou que as linguagens são aprendidas desde o nascimento com os bebês sendo ativos e criativos nas relações estabelecidas. A instituição de educação é o grupo social mais amplo onde o bebê socializa, se relaciona com outros depois da família. E para a ampliação das linguagens dos bebês é necessário organizar trocas de observações, experiências e ideias entre os pares. O que torna o trabalho docente algo tão significativo e sutil, pois é necessário ter o conhecimento das interações, suas linguagens e sua importância.

A criança e o bebê têm o direito à Educação Infantil, porém esse direito pode ser prejudicado por conta da formação do (a) professor (a) não enfatizar as especificidades necessárias. Faz-se necessário, portanto, uma formação de qualidade, não apenas voltada para

o caráter prático, mas de forma crítica, ética e política que também contemple o estudo acerca dos bebês e suas singularidades.

Após esse estudo podemos chegar à conclusão de que o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina tem sim conteúdo de aprofundamento nos estudos sobre os bebês, porém em apenas uma disciplina isso é garantido em sua ementa de forma direta, embora essa ementa não traga sobre as múltiplas linguagens, mas sim sobre o trabalho docente com os pequenos. Outras quatro disciplinas estudam a instituição creche onde também contemplam os bebês, ficando a chamada da importância de que a creche não fique subsumida nas discussões da inteireza da educação infantil.

Alguns dos meus questionamentos do início do curso sobre os bebês, suas linguagens e singularidades foram supridos na disciplina destinada aos mesmos, mas com esse aprofundamento no tema abri meus olhos de como ainda estamos longe de um estudo aprofundado garantido pelas ementas do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Apesar da escrita deste trabalho ter sido bem desafiante para mim, foram meses de muito estudo, questionamentos, escolhas, risadas e também lágrimas. Um caminho percorrido com muita dificuldade e com extrema dedicação.

Compreendo e afirmo a importância de estudar sobre as especificidades dos bebês e suas múltiplas linguagens e a importância desse estudo estar presente nos cursos de Pedagogia para melhor formação dos (as) professores (as) principalmente um estudo que contemple o bebê mais para o início do curso, para que os estudantes que necessitem estagiar tenham a teoria para fazer com qualidade suas práticas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Moema Helena Koche de; ROCHA, Eloisa Acires Candal; BUSS-SIMÃO, Márcia. **Formação docente para Educação Infantil nos currículos de Pedagogia.** Educação em Revista, v. 34, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698183858>. Acesso em: junho de 2022.
- AMORIM, Katia de Souza. **Linguagem, comunicação e significação em bebês.** 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/59/tde-03052019-03233/publico/KATIADESOUZAAMORIM.pdf>. Acesso em: maio de 2022.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche** Educação, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FLORES, Maria Luiza Rodrigues; SILVA, Marta Lúcia da. **A luta das mulheres por igualdade passa pelo direito dos bebês e das crianças bem pequeninhas à creche de qualidade.** ANPED, 2018. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/luta-das-mulheres-por-igualdade-passa-pelo-direito-dos-bebes-e-das-criancas-bem-pequeninhas>. Acesso em maio de 2022.
- BATISTA, Rosa; ROCHA, Eloisa A.C. **Docência na Educação Infantil: origens de uma constituição profissional feminina.** Revista Zero a Seis anos., v. 20, n. 37 p. 95-11, jan-jun 2018.
- BRASIL. **Constituição de 1988.** Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. Ministério da educação. **Caderno de apresentação/Ministério da Educação,** Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC/SEB, 2016. Disponível em: <https://projetoleturaescrita.com.br/publicacoes/colecao/>. Acesso em janeiro de 2022.
- BRASIL. Ministério da educação. **Caderno 4 - Bebês, interações e linguagens in: Bebês como leitores e autores.** - 1 Ed. – Brasília: MEC/SEB, 2016. Disponível em: <https://projetoleturaescrita.com.br/publicacoes/colecao/>. Acesso em março de 2022.
- COUTINHO, Angela Maria. **Os bebês no cotidiano da creche: ação social, corpo e experiência.** Em Aberto, v. 30, n. 100, 2017. Disponível em: [10.24109/2176-6673.emaberto.30i100.3313](https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i100.3313). Acesso: março de 2022.
- COUTINHO, Ângela Scalabrin; MORO, Catarina. **Educação infantil no cenário brasileiro pós golpe parlamentar: políticas públicas e avaliação.** Zero-a-Seis, v. 19, n. 36, p. 349-360, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n36p349>. Acesso: junho de 2022.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin; SCHMITT, Rosinete Valdeci. **A pesquisa com/sobre bebês no Nupein: análise da trajetória. Zero-a-Seis**, v. 23, n. 44, p. 1474-1499, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e81271>. Acesso em: março de 2022.

DELGADO, Ana Cristina Coll; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Singularidades da docência na creche: interlocução com pesquisas no Brasil. Revista Humanidades e Inovação**, Tocantins, v.6, n.15, 2019. Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/59>. Acesso em: maio de 2022.

FONSECA, A. D; COLARES, A. A; COSTA, S. A. **Educação infantil: história, formação e desafios. Educação & Formação**. Fortaleza, v.4, n.12, p. 82-103, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1270/1305>. Acesso em maio 2021.

GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil: tão perto, tão longe. *Humanidades & Inovação*, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/289>. Acesso em: julho de 2022.

KRAMER, Sonia. **Subsídios para diretrizes curriculares nacionais para a educação básica: diretrizes curriculares nacionais específicas para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

KUHLMANN JR., M. **Histórias da educação infantil brasileira**. Revista Brasileira de Educação.n. 14, p.5-18, maio/ago. 2000.

LDB – **Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em maio de 2021.

PPC/UFSC – **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia. 2008**. Disponível em https://pedagogia.paginas.ufsc.br/files/2021/03/PPC_Pedagogia_2008.pdf: Acesso em maio de 2021.

SCHMITT, Rosinete V. **Relações entre adultos e bebês na educação infantil: indícios para compreensão de uma docência não linear** Unisul, Tubarão, v.13, n. 24, p. 313-330, Jul/Dez 2019. <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index> . Acesso em: maio de 2022.

SIMÕES, P. M. U. **Os campos semânticos dos estudos dos bebês na educação infantil: Uma análise da produção acadêmica em artigos de periódicos brasileiros**. Educação, v. 43, n. 3, p. e37458, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2020.3.37458>. Acesso em: março de 2022.

VARGAS, Gardia; GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Das singularidades da docência com crianças de 0 a 3 anos às especificidades dos saberes docentes na formação inicial.** Cadernos de Pesquisa em Educação, n. 47, p. 46-67, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/21328/14199>. Acesso em: junho de 2022.